

AUDIOVIDEOGRAFIA E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO BÁSICO, EM ÁREA DE PROJECTO.

Angela Manuela Pereira Costa
Universidade do Minho
angela.costa.c@gmail.com
Lia Raquel Oliveira
Universidade do Minho
lia@iep.uminho.pt

Resumo

Este texto apresenta o projecto de estudo em curso, *Audiovideografia e Aprendizagem. Um estudo com alunos do 6º ano*, através do qual se pretende que os alunos compreendam melhor certos temas programáticos do currículo prescrito, possibilitando, simultaneamente, que possam interpretar com maior acuidade a comunicação televisiva e audiovisual em geral. Pretende ainda potencializar a transformação destes jovens de meros e acríticos consumidores a produtores de informação, conscientes e críticos. O estudo está a ser realizado em contexto de sala de aula e baseia-se em actividades nas quais o recurso à produção de videogramas se assume como um incentivo à participação pessoal e cívica. Paralelamente, e dada a utilização de ferramentas e ambientes digitais de rede, estão a ser trabalhada competências informáticas de nível avançado.

Palavras-chave: cinema educativo, vídeo educativo, podcast vídeo, educação para os media, motivação.

Abstract

This text presents the ongoing study project, *audiovideography and learning, a research with 6th grade students*. We intend to foster the students understanding of some subjects on their curricula, enabling them to interpret more accurately television and audiovisual broadcast information in general. We also intend to promote change in these youngsters: from mere and uncritical consumers to aware and critical knowledge producers. The study is being carried out in classroom context and it is based on activities in which the production of videograms is seen as an incentive to personal and civic participation. At the same time, and due to the use of digital and network tools, advanced computing skills are being worked.

Keywords: educational cinema, educational video, podcast video, media education, motivation.

1 Introdução

Vivemos num mundo povoado de sons e imagens que integram as nossas vidas das mais variadas formas, fazendo com que a tecnologia (desdobrada em múltiplos tipos e aplicações) condicione cada vez mais o nosso quotidiano. Sem a tecnologia já quase não conseguimos viver e, portanto, não faria sentido que ela não fosse considerada um recurso educativo extremamente importante e com inúmeras potencialidades. Os computadores, a internet, DVDs, aparelhos de MP3, MP4, telemóveis de 3ª geração, são utilizados por uma grande parte dos nossos jovens, de forma generalizada, sem grandes limitações. Cabe-nos a nós, professores, utilizar e orientar o uso destas tecnologias e respectivos aparelhos e dispositivos no processo de ensino/aprendizagem, sobretudo aquelas que servem de meios de comunicação e que são parte integrante da formação dos jovens de hoje. Tal como nos refere Ponte & Serrazina (1998:11): “o grande problema, não é saber se devem usar ou não as novas tecnologias na formação. Trata-se, isso sim, de decidir como, quando e em que medida tirar partido deste tipo de recursos”.

Os desenvolvimentos tecnológicos têm um impacto cada vez maior na educação. Nos últimos anos a informação está cada vez mais acessível e a videografia, em particular, tornou-se um meio de comunicação, informação e expressão muito comum. Prova disso é o aumento da procura de páginas de Internet que nos permitem visionar, disponibilizar ou produzir online videogramas, na sequência da ‘explosão’ do YouTube.

É sabido que as tecnologias atraem de uma forma extraordinária a atenção dos alunos, por mais simples que a actividade seja, incentivando-os e envolvendo-os desde o início. Pensamos que os docentes terão de rever as suas estratégias de ensino, não podendo senão aceitar o desafio junto da nova geração de alunos, pois: “as formas como utilizamos as tecnologias na escola devem sofrer uma alteração, ou seja, o papel tradicional da tecnologia como professor deve dar lugar à tecnologia como parceiro no processo educativo” (Jonassen, 2007: 20).

A Educação tem sofrido, nos seus princípios orientadores, várias alterações ao longo do tempo devido ao facto de ela constituir “um processo de socialização no qual confluem e do qual decorrem, para além de questões sociológicas e políticas, questões pedagógicas (e neuro-psicológicas), questões de desenvolvimento do currículo e questões de didáctica” (Oliveira, 2004, p. 61). Sendo um processo de socialização constitui, por inerência um processo de comunicação. Muitos têm sido os recursos que têm vindo a auxiliar o processo de ensino-

aprendizagem. Os jovens de hoje *respiram* a tecnologia, usam todas as ferramentas sem qualquer tipo de limitação. Hoje,

escola e professores encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da Escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves para uma compreensão verdadeira da sociedade de informação. Ela tem de passar a ser encarada como um lugar de aprendizagem em vez de um espaço onde o professor se limita a transmitir o saber ao aluno; deve tornar-se num espaço onde são facultados os meios para construir o conhecimento, atitudes e valores e adquirir competências. Só assim a Escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento. (MSI, 1997: 43).

Consideramos que a videografia reúne um conjunto de valências de expressão e de comunicação que vão desde o teatro ao cinema passando pela fotografia e que, associadas às mais recentes tecnologias de comunicação em rede, podem proporcionar actividades que, do ponto de vista dos nossos jovens, são muito bem-vindas ao espaço escola. A escola não pode perder a sua natureza de espaço privilegiado de encontro dos jovens nem negligenciar a sua função social de facilitação do 'acesso' (Willinsky, 2006; Paraskeva e Oliveira, 2006) em favor dos novos espaços de acesso emergentes que constituem 'os lares e os cibercafés' (Rasco, 2008).

2 Questões e objectivos do estudo

Este estudo realizado com alunos do sexto ano de escolaridade sobre Audiovideografia e Aprendizagem partiu de duas questões essenciais: até que ponto a audiovideografia (realização de filmes pelos alunos, passando por todas as fases de concepção, produção e realização) pode ser mediadora de novas formas de aprendizagem? Será que a actividade de audiovideografia contribuiu para uma melhor compreensão dos assuntos abordados e para uma aprendizagem significativa?

A investigação tem como objectivos: 1) introduzir as tecnologias de vídeo digital no espaço escolar; 2) explorar as possibilidades das novas tecnologias digitais como complemento da prática lectiva; 3) verificar até que ponto as práticas educativas através das tecnologias de vídeo digitais são motivadoras para os alunos; 4) possibilitar aos alunos a passagem de consumidores a produtores de informação; 5) consciencializar os alunos para a importância do trabalho cooperativo.

O estudo associa-se ainda a um projecto comunitário de prevenção escolar e familiar, da responsabilidade da Câmara Municipal de Famalicão, denominado "Entre Todos". Os módulos e unidades didácticas deste projecto incidem sobre: auto-estima; competências sociais, estratégias cognitivas, controle emocional, tomada de decisões, informação (Tabaco e Álcool),

ócio, tolerância e cooperação. Os videogramas que os alunos estão a realizar enquadram-se nestas temáticas.

3. Metodologia

Tendo em conta os objectivos traçados para este estudo e as questões formuladas, a metodologia de investigação adoptada para esta investigação, que se desenrola durante o ano lectivo 2008/ 2009, será fundamentalmente de natureza qualitativa, constituindo um estudo de caso, num ambiente de investigação-acção crítica (Kincheloe, 2008, p. 72):

Os benefícios da acção-investigação crítica vão para além do esforço em escapar à “cegueira” da racionalidade instrumental e em adquirir uma visão sobre a dinâmica das suas salas de aula. Quando os professores ouvem os seus estudantes e solicitam as suas opiniões e perspectivas daí resulta uma série de vantagens. Os estudantes que podem exprimir pensamentos que até aí eram suprimidos pelo medo de uma avaliação negativa ou de uma crítica, passam por uma espécie de catarse. Esta catarse permite uma relação professor/aluno mais saudável e mais autêntica que, inevitavelmente, conduzirá a uma melhor comunicação e a uma maior compreensão mútua. O estudante, e em muitos casos o professor, vê as suas experiências tornarem-se válidas.

Segundo as características enunciadas por Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa tem cinco principais características: 1) a fonte directa dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; 2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; 3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; 4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; 5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

O estudo de caso apresenta um forte cunho descritivo que resulta do facto do investigador estar pessoalmente implicado na investigação, o que leva a que muitos investigadores associem e considerem o estudo de caso como modalidade qualitativa (Best e Kahn, 1993; Creswell, 1994; Mertens, 1998; Merriam, 1998, citados por Coutinho, 2005, p. 208). Pretende-se assim num estudo de caso, descrever de uma forma mais ou menos precisa os comportamentos de um indivíduo ou de um grupo, sendo o investigador um observador participante.

3.1 Participantes

Os participantes, para além do professor-investigador, são vinte e sete alunos do sexto ano de escolaridade, da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Júlio Brandão, em Vila Nova de Famalicão.

Destes vinte e sete alunos onze são do sexo masculino e dezasseis do sexo feminino, com idades compreendidas entre os onze e os treze anos.

3.2 Enquadramento curricular

A investigação desenvolve-se na área curricular não disciplinar de Área de Projecto, que tem como pressuposto: a) a valorização da dimensão interdisciplinar do conhecimento e articulação de saberes de diversas áreas curriculares; b) a valorização da contextualização e da utilização do saber, tendo em conta as necessidades e os interesses dos alunos.

Esta área curricular, não disciplinar, é a área indicada para o desenvolvimento deste trabalho, pois pressupõe que o professor construa modos alternativos de gerir as actividades no seio das turmas, onde os alunos terão de aprender a viver noutra ambiente de trabalho, o que os sujeita a outros desafios.

O facto de existir uma grande proximidade na relação entre o investigador-professor e os participantes no estudo (alunos) pode ser considerado como uma mais valia, dado que existe um maior e diversificado conhecimento mútuo dos intervenientes na investigação. (Bogdan e Biklen, 1994) Esta é uma turma com a qual a professora-investigadora trabalhou no ano lectivo 2007/2008 e tendo-se estabelecido uma boa relação professora/alunos e alunos/alunos.

4. Resultados esperados

Com este projecto espera-se constatar que a produção orientada de videogramas temáticos pelos alunos desenvolve nestes diferentes competências e destrezas importantes para as suas vidas: ao estarem envolvidos em actividades de grupo e de projecto aprendem a comunicar, pesquisar e a decodificar/codificar a linguagem audiovisual e a mediatização do conhecimento operada por esta linguagem. Paralelamente esperamos que desenvolvam um espírito de cooperação e trabalho de equipa e que passem a encarar a escola como um local de trabalho agradável no qual se sintam plenamente e satisfatoriamente integrados.

Referências

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994 [1991]). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho.

Jonassen, D. (2007). *Computadores, Ferramentas Cognitivas - Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.

Kincheloe, J. (2008). Os Objectivos da Investigação Crítica: O Conceito de Racionalidade Instrumental. In J. Paraskeva & L. R. Oliveira (Orgs.) Currículo e Tecnologia Educativa Volume 2. Mangualde: Edições Pedagogo Lda (pp. 41-80).

MSI - Missão para a Sociedade de Informação (1997). Livro verde para a sociedade de informação em Portugal. Lisboa. Disponível em <http://www.posc.mctes.pt/documentos/pdf/LivroVerde.pdf>. Acedido a 12 Junho de 2008.

Oliveira, L. R. (2004). *A comunicação educativa em ambientes virtuais. Um modelo de design de dispositivos para o ensino-aprendizagem na universidade*. Braga: Centro de Investigação em Educação.

Paraskeva, J. M. & Oliveira, L. R. (2006). Currículo e Tecnologia Educativa. Limites e Potencialidades. In J. Paraskeva & L. R. Oliveira (Orgs.) Currículo e Tecnologia Educativa Volume 1. Mangualde: Edições Pedagogo Lda (pp. 7-17).

Ponte, J. & Serrazina, L. (1998). As novas tecnologias na Formação Inicial de Professores. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.

Rasco, F. A. (2008). Novos Espaços para a Alfabetização. In J. Paraskeva & L. R. Oliveira (Orgs.) Currículo e Tecnologia Educativa Volume 2. Mangualde: Edições Pedagogo Lda (pp. 81-107).

Willinsky, J. (2006). *The Access Principle: The Case for Open Access to Research and Scholarship*. Cambridge, EUA: The MIT Press.

Nota: Este trabalho integra-se no Projecto Colectivo DesignDem2 - Design de Dispositivos de Educação Mediatizada: processos, ambientes e objectos de aprendizagem (PC11-LIII-2008), CIEd.